

Do Objeto Empírico ao Objeto de Conhecimento: Demarcações Metodológicas de uma Pesquisa Comunicacional¹

Aline Roes DALMOLIN²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

O artigo indaga a construção metodológica desenvolvida em nossa tese de doutorado (DALMOLIN, 2012), discutindo, mais especificamente, os movimentos nesta esboçados no sentido de transformar o objeto empírico em objeto de conhecimento. O primeiro diz respeito à história recente de duas revistas católicas brasileiras na segunda metade do século XX, no que tange ao discurso destas sobre o aborto, enquanto o segundo, constrói-se a partir de uma abordagem teórico-metodológica, de caráter interdisciplinar, cujas linhas centrais são problematizadas nesse artigo. Neste contexto, busca-se discutir, em linhas gerais, o lugar epistemológico das pesquisas situadas na interface mídia e religião.

Palavras-chave: epistemologia; metodologia; objeto de pesquisa; discurso; mídia e religião.

Introdução

O trabalho científico sobre o objeto é indissociável de um trabalho sobre o sujeito do trabalho (...). Cada um vê bem a verdade do outro.

Pierre Bourdieu – *La distinction*

O texto reflete um amadurecimento acadêmico dos avanços obtidos em nossa tese de doutorado, defendida em março de 2012 na Unisinos, que analisou o discurso sobre aborto em revistas católicas nos anos 1980 (DALMOLIN, 2012)³. Partimos da proposição inicial de que, naquele momento, se estruturava uma configuração particular no que tange à relação entre Igreja Católica e sociedade através dos *media*, tendo como chave a questão do aborto.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria, jornalista, mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, email: dalmoline@gmail.com.

³ A tese foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, com financiamento Capes/Prosup, e foi orientado pela professora Christa Berger.

A hipótese de trabalho da tese compreendeu o discurso das revistas católicas sobre aborto nos anos 1980 como interface de negociação da Igreja Católica para com a conjuntura da modernidade, embasados pelo pressuposto que compreende as revistas como espaços de articulação entre o religioso e o midiático. Nosso problema de pesquisa tentou compreender de que forma as revistas católicas estabelecem essa relação, considerando a angulação específica do discurso que estas estabelecem sobre a questão do aborto, sobretudo na forma como este articula elementos religiosos a uma cosmogonia moderna. Desse modo, buscou-se responder à pergunta: de que forma o aborto representa uma interface de negociação das revistas católicas para com o *ethos* da modernidade (DUARTE, 2005), buscando compreender como se dá o movimento no qual estas articulam em seu discurso os princípios da instituição que a sustentam à realidade na qual os seus fieis se inserem. A pesquisa orientou-se num plano mais geral dos campos sociais (BOURDIEU, 2003a, 2003b, 2005, 2008a, 2008b, 2009) envolvidos, abalizados por movimentos de secularização e dessecularização (BERGER, 2000), e do tipo particular de mediação que as revistas católicas estabelecem entre a instituição católica e o mundo contemporâneo.

Não nos propomos aqui a descrever os resultados da pesquisa, parcialmente relatados em artigo recentemente publicado (DALMOLIN, 2013), mas de destrinchar as demarcações metodológicas em torno da construção de um objeto comunicacional no processo de construção da tese. Aproximações que podem ser úteis no sentido de orientar investigadores com *démarches* similares, bem como dispõem da pretensão – bastante modesta, cabe-se ressaltar – de auxiliar a consolidar um saber epistemológico em torno da interface mídia e religião.

O texto inicia com um movimento de aproximar o lugar de nossa investigação nas pesquisas da área da comunicação, tecendo algumas breves considerações sobre o campo e nossas perspectivas epistemológicas de partida. Na sequência, tentaremos caracterizar os movimentos de construção de nosso objeto de pesquisa, a partir de uma breve descrição do objeto empírico – as revistas católicas *Rainha e Família Cristã* – seguido por questionamentos sobre como a pesquisa desenvolve relações com a vertente metodológica adotada, a Análise do Discurso, bem como em relação aos principais vieses teóricos adotados. Por fim, tecem-se algumas considerações sobre a pesquisa sobre revistas católicas como objeto comunicacional, caracterizando-as no âmbito das investigações sob a égide da interface mídia e religião.

1. Perspectivas epistemológicas do campo comunicacional

Num primeiro momento, antes de questionarmos sobre as ações de pesquisa que refletem nossas escolhas metodológicas e predileções teóricas, falaremos um pouco sobre os processos subjacentes à produção de conhecimento, que constituem o pano de fundo no qual se situa nosso trabalho de investigação.

Uma das questões fundamentais envolvendo a construção do objeto é a adoção de um viés pelo qual iremos observá-lo, circunscrevendo-o em um determinado campo do conhecimento. Embora estejamos trabalhando nitidamente sob a égide dos processos midiáticos, consideradas por Sodré (2003, p. 311) como a problemática preferencial dos estudos de comunicação, voltando-nos para “questões tradicionais da sociedade à luz das mutações culturais ensejadas pela mídia”, é preciso tomarmos o devido cuidado no sentido de estruturar nosso objeto em uma problemática comunicacional.

Na tarefa de pensar epistemologicamente nossa trajetória de pesquisa recente (DALMOLIN, 2012), nos deparamos inicialmente com a questão de como esta se insere em seu próprio campo de conhecimento. Ao estruturarmos a proposta de pesquisa, fundamentando-a dentro dos marcos da ciência régia, seus limites, métodos e operacionalizações, urge a necessidade de pensarmos além de nossos objetivos imediatos e partirmos para uma reflexão mais ampla, partilhada direta ou indiretamente por aqueles que pensam e estudam o fenômeno da comunicação. Caso contrário, estaremos seguindo o caminho incerto, apontado por Luiz Cláudio Martino (2005), das pesquisas da área entre os anos 1980 e 1990, quando ocorreu, no contexto dos programas de pós-graduação no país, uma intensa proliferação de investigações, contudo dotadas de pouca reflexão epistemológica.

Se já é difícil “vestirmos” o olhar com uma visão científica, tentando ultrapassar os obstáculos epistemológicos e avançarmos para além do senso comum, torna-se ainda mais complicado situar nossa pesquisa em um campo tão intrincado e nebuloso como o da comunicação. Aliás, a própria conceituação de campo é preterida por alguns autores da área, que preferem falar em “disciplina” (L.C. MARTINO, 2001, 2005); enquanto outros elegem trabalhar a comunicação em suas transversalidades, situando-a no âmbito das Ciências Sociais (LOPES, 2007); ou visualizam na comunicação um espaço para aportar

questões que já não são sustentadas pelas disciplinas tradicionais, em razão do contexto de crise nelas instaladas com as transformações promovidas pelas novas tecnologias (SODRÉ, 2003). Estas são apenas algumas das posições epistemológicas mais comuns, das quais transparece o fato de que o campo da comunicação carece de um estatuto consolidado dessa natureza que estabeleça um consenso. Pela ausência de estatuto, agrega-se como características desse campo um espaço de ausências: inexistência de uma tradição estabelecida, bem como de um objeto e de metodologia próprios (FRANÇA, 2001).

Nas ciências da comunicação o papel de uma tradição teórica que fundamente determinadas posições epistemológicas é fraco ou praticamente inexistente, diferentemente da relação tradicionalista característica da sociologia, capitalizada pelo legado dos “pais fundadores” (BOURDIEU, CHAMBOREDON e PASSERON, 2004). Ao contrário das tradições teóricas sociológicas e daquelas consolidadas pela maioria das humanidades, a comunicação tem como marca a presença de fundamentos epistemológicos firmados “à revelia” de seus autores, a exemplo da obra de Wilbur Schramm, considerada como um dos marcos fundadores das ciências da comunicação (L.C. MARTINO, 2005). Estas foram sedimentadas não em torno de um arcabouço teórico próprio, mas na conjunção de contribuições das mais diversas disciplinas e áreas de conhecimento. Assim como na teoria, os fundamentos epistemológicos também foram tomados de empréstimo de seus lugares originais, sem que tenha havido sequer uma reflexão ou fossem promovidas adaptações ao contexto comunicacional.

Diante de toda essa complexidade, que vai além de uma mera distinção nominológica, cabe-nos aceitarmos o desafio, não de “resolvermos” essas questões que nem mesmo autores consagrados e o próprio conjunto do campo conseguem abarcar, mas de trabalhá-las no sentido estrito de nosso objeto de pesquisa, apropriando-nos de noções que nos colocam pontos interessantes para pensarmos nosso objeto. O conhecimento produzido por um determinado campo deve ser reconstruído a cada pesquisa, envolvendo o pesquisador num eterno processo de vigilância epistemológica, superando a simples aplicação de um conhecimento “empacotado”, normalmente definido como método.

O conhecimento científico exige um esforço no sentido da objetivação, ou seja, da separação entre sujeito e objeto. Partindo de uma reflexão teórica, a atividade de pesquisa deve envolver a transformação do objeto empírico – em nosso caso, as revistas católicas *Rainha* e *Família Cristã* – em objeto de conhecimento. O caminho para chegar a essa

transformação, para Bachelard (1996), está no método, que precisa ser construído pelo pesquisador e estar em constante renovação.

2. Demarcações iniciais: o objeto empírico

Como objeto empírico elegemos duas revistas de ampla circulação nacional, *Rainha* e *Família Cristã*, propriedade de congregações católicas (Sociedade do Apostolado Católico – padres palotinos e Sociedade Filhas de São Paulo – irmãs paulinas). *Família Cristã* vem se destacando há décadas como a revista católica de maior tiragem no país, tendo atingido o recorde de 217 mil exemplares na década de 1980. Além da tiragem, contribuiu para a escolha do objeto o fato de que a comunicação destaca-se como a principal missão da Sociedade Filhas de São Paulo, congregação proprietária da revista. Nos anos 1980, *Família Cristã* passa a ser impressa no parque da Editora Abril, atingindo um nível superior de qualidade editorial em relação a suas congêneres. Por outro lado, a decisão recaiu por *Rainha* em razão de verificarmos que naquele momento a revista se reorientava enquanto revista confessional, após ter passado sobre profundas modificações em seu perfil editorial nos anos anteriores (DALMOLIN, 2007). A escolha dos veículos se deveu também por questões como a facilidade de acesso ao arquivo das mesmas e a familiaridade com os objetos, em especial com *Rainha*, conforme frisamos anteriormente. Ambas circulam em todo o território nacional, sendo comercializadas pelo sistema de assinaturas. Em referência à posição geográfica, *Rainha* possui um caráter mais regionalizado (Rio Grande do Sul)⁴, enquanto *Família Cristã* vem sendo confeccionada, desde sua fundação, no centro da produção cultural do país (São Paulo).

Portanto, nossa escolha por *Rainha* e *Família Cristã* deve-se principalmente a dois fatores: familiaridade e representatividade.⁵ Acrescentemos o fato de que ambas se constituem em veículos pertencentes a uma congregação religiosa, e que por isso possuem um caráter diferenciado daquelas que representam a voz oficial de uma determinada

⁴ Algumas pautas desenvolvidas pela revista demonstram claramente esse caráter, bem como a utilização esporádica de algumas expressões regionais.

⁵ O primeiro aspecto justifica-se devido a *Rainha* já ter sido objeto de nossa investigação prévia, em período cronológico anterior (DALMOLIN, 2007), e o segundo, pelo fato de *Família Cristã* representar a revista católica de maior circulação naquele momento. No entanto, isso não significa necessariamente que não estejamos atentos a questionar constantemente nossa afinidade prévia com o objeto no sentido de não condicionar o olhar a pressuposições já sedimentadas, muito menos que tenhamos a pretensão de tomar uma revista como supostamente superior ou representativa de todas as demais, apenas pelo fato dessa ser mais divulgada.

paróquia ou diocese. Isso deve ser levado em consideração ao analisar o discurso das mesmas, tensionando-as quanto a sua “oficialidade” enquanto representativas da “voz da Igreja” – uma voz que aparece sujeita à obediência eclesiástica, mas ao mesmo tempo apresenta as nuances características das congregações às quais estão vinculadas.⁶

Em relação ao projeto inicial, que apresentei no ingresso do doutorado⁷, deixamos para trás a intenção de realizar um estudo de caso dos veículos. Se antes partíamos de uma constatação de que as revistas se destacavam pela intensidade pela qual exploravam o assunto família, no texto final da tese a preocupação central encontra-se num escopo mais amplo, que foge à exploração intensiva do “caso”, passando a abranger a questão do aborto no contexto de uma problemática dos campos sociais envolvidos e de sua relação com o *ethos* da modernidade. Portanto, o enfoque duplo ultrapassa o sentido de uma compreensão dos casos, pois já não reside mais em nosso horizonte perceber as revistas apenas quanto ao tipo de resposta na especificidade dos casos em cotejo. Isso não implica em desconsiderar suas especificidades, mas observar em que ponto essas especificidades constituem parte de um contexto mais geral da imprensa católica brasileira. Portanto, permanece a intenção de observar *Rainha e Família Cristã*, à medida que estas se constituem como uma espécie de “porta”, que nos permitirão adentrar no discurso das revistas católicas sobre aborto, ponto essencial da constituição de nosso objeto de conhecimento.

Por outro lado, a escolha do período histórico a ser abordado se dá pelo fato de que é a partir dos anos 1980 que se estrutura o chamado “macroacontecimento aborto” (DALMOLIN, 2012). Historicamente, o destaque se dá em consequência do seguimento de uma gama de movimentos liberalizantes que se fortalecem no seio da sociedade, principalmente a partir das décadas de 60 e 70, e que passam a se consolidar ao longo da década de 80. Percebe-se, em função disso, que a presença do tema na imprensa daquela época não se restringe à mídia religiosa ou aos periódicos católicos de forma específica, pois verifica-se uma presença marcante do aborto na chamada “grande imprensa”, especialmente nas grandes revistas de informação do país naquele momento, como *Veja*, *IstoÉ* e *Manchete*. Por outro lado, o tema torna-se pauta do movimento feminista a partir

⁶ Nesse sentido, chama a atenção o fato de termos escolhido duas congregações fundadas no contexto da modernidade (palotinos – final século XIX; paulinas – início século XX), cuja estruturação institucional encontra-se intimamente imbricada com a própria problemática moderna.

⁷ No pré-projeto, intitulado “A representação da família em revistas católicas brasileiras: *Rainha e Família Cristã*”, partíamos da constatação de que a questão da família representava um elemento central do discurso que estas construíam. Nossa intenção inicial era de fazer uma análise dos casos das duas revistas, comparando a forma como a família era representada em cada uma delas.

daquele momento, que por sua vez torna-se protagonista nas disputas simbólicas em torno o assunto no governo e no congresso nacional, polarizando em oposição aos movimentos religiosos uma luta que na época ensaiava seus primeiros passos (DALMOLIN, 2010). As revistas católicas, portanto, irão fornecer uma espécie de “direito de resposta” a esse contexto de transformações.

Uma preocupação constante no decorrer da pesquisa foi a de enfocar a imprensa católica tomando o cuidado em despir-nos das pré-concepções que percebem a questão da imprensa católica apenas sob o ponto de vista dos valores religiosos, sua principal particularidade, mas que não esgota o objeto apenas a partir desta caracterização. Estas pré-concepções constituem um dos obstáculos epistemológicos que mais entravam o avanço do conhecimento, como salienta Bachelard (1996) ao alertar contra o obstáculo da experiência primeira, ou seja, a experiência colocada antes e acima da crítica e que afirma basear suas convicções em dados claros e seguros, no exemplo de quando o conhecimento ainda encontrava-se em sua fase pré-científica. A imprensa católica vista como naturalmente “religiosa” é uma destas, cabe-nos evitar tomar essa posição ideológica como explicação para o discurso da revista.

Esse aspecto já havia sido intensamente questionado em nossa dissertação de mestrado (DALMOLIN, 2007), que evidenciou o momento no qual uma revista católica – o mensário palotino *Rainha*, entre as décadas de 1960 e 1970 – abandona um viés eminentemente confessional em função de uma abordagem mais sintonizada a elementos da cultura de massa e dos temas midiáticos que despontavam naquele momento. Naquele e neste momento sobressai-se a necessidade de desemaranhar os veículos católicos de seu duplo sentido. Gomes (1990) destaca a dificuldade em se conceituar “jornalismo católico” em razão da indistinguibilidade dentre os significados do termo, que resguarda tanto o jornalismo feito pelos católicos quanto pela “imprensa católica” propriamente dita, enquanto conjunto dos veículos institucionais. Cabe ainda perguntar se incluiríamos no escopo deste termo apenas os veículos que eminentemente tratasse de assuntos religiosos ou de fundo doutrinário? Questões como esta nos parecem fundamentais, sobretudo quando temos presente um momento histórico no qual segmentos da Igreja Católica voltam-se para questões de fundo social, e que são expressas através de sua mídia. Em outro momento, sinalizamos que uma forma apropriada para expressar essa relação seria a de compreender

as revistas católicas como instâncias de interseção entre os campos religioso e midiático (DALMOLIN, 2010).

3. Demarcações teórico-metodológicas da pesquisa

A aproximação do pesquisador ao material empírico, portanto, não se resume ao processo de observar e descrever fenômenos, o que em nosso caso, significaria nos atermos apenas no mero relato do que as revistas dizem sobre o tema no período analisado. Sem categorização, o empírico se transforma num todo caótico, por isso a mera observação empírica é insuficiente para mergulharmos no objeto. Marx (1992) assinala que o fenômeno empírico é uma síntese das relações que o compõe, inatingível por nossa capacidade de olhar, originando a necessidade de categorizar para compreender esse real. O concreto, segundo o autor, “aparece no pensamento como o processo de síntese, como o resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação” (MARX, 1992, p. 16). Nesse sentido torna-se imperativa a contextualização do momento histórico para compreender o papel do concreto na relação abstrata, ou seja, a relação entre várias categorias⁸.

Esse direcionamento ao concreto corresponde em nossa tese a um movimento duplo de contextualização, que envolve situar nosso objeto de pesquisa no contexto brasileiro dos anos 1980, tanto por parte da Igreja Católica, em relação ao processo de dessecularização e restauração conservadora, bem como ao da sociedade brasileira, que inicia suas discussões sobre a problemática do aborto a partir do movimento feminista nascente e dos primeiros debates governamentais sobre o assunto. Cabe salientar ainda que essa preocupação com o contexto não repousa apenas em construir um “pano de fundo” para o discurso a ser enfocado, o das revistas católicas sobre o aborto, mas possui um caráter fundamental do ponto de vista do fundamento metodológico adotado que é o da análise de discurso de inspiração francesa, que percebe na própria historicidade e nas condições de produção do discurso um caráter estruturante (ORLANDI, 1998).

O método possui um papel importante para mapear quais são essas posições ideológicas que permeiam o discurso dos periódicos em análise. A vertente metodológica

⁸ Em sua crítica ao método dos economistas de sua época, Marx (1992) critica o uso de categorias de forma atemporal, desconsiderando o processo histórico e as mudanças sociais.

em questão tem se revelado especialmente produtiva nos estudos de jornalismo, sobretudo no que se refere ao mapeamento das vozes e à identificação dos sentidos (BENETTI, 2007). Um esforço bastante considerável durante a análise do material empírico foi o de evitar a mera aplicação metodológica, adequando as contribuições teóricas da AD para nosso objeto de pesquisa, sem confundirmos uma atitude de rigor com a de rigidez, seguindo o que preconiza Bourdieu (2003b, p. 26): “livrai-vos dos cães de guarda metodológicos”.

Uma particularidade da AD que se revela especialmente cara é o fato desta rejeitar uma postura meramente hermenêutica diante do texto (a exemplo da análise de conteúdo), ou seja, voltada a compreender o que está “por trás” do texto, mapeando conteúdos e revelando intenções. A posição epistemológica preferencial da AD é que não há uma “verdade última” a ser revelada, mas sim, o desvelamento de uma intrincada teia envolvendo o sujeito e o discurso em sua condição histórica. O que nos interessa vai além de apenas conhecer em termos conteúdísticos o que as revistas dizem sobre o aborto (do mesmo modo, poderíamos eleger temáticas outras e as observarmos em visadas semelhantes), mas sim, tentar compreender o mecanismo de funcionamento deste discurso, aprofundando-nos no entendimento de como este tipo específico de mídia – as revistas católicas – articulam-se na sociedade, através dos seus processos de designação e de suas *formações discursivas*. Este conceito, na definição clássica de Pêcheux (1995, p. 160), representa “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”.⁹

Nesse sentido, buscou-se focar o objeto em todas as suas dimensionalidades, a partir dessas características levantadas do empírico. O principal questionamento voltou-se a constatar uma suposta literalidade do discurso, segundo a qual o discurso das revistas católicas evidenciaria, *a priori*, uma posição totalmente afinada com a doutrina e os valores religiosos, renegando ou deixando em segundo plano os valores laicos. De uma maneira geral, na mídia institucional religiosa, a imposição doutrinária religiosa jamais se configura de maneira explícita (L.M. MARTINO, 2003). A própria AD rejeita a categorização do discurso em tipologias previamente estabelecidas, propondo ao analista o desafio de

⁹ O estudo das formações discursivas envolvendo o discurso sobre o aborto nas revistas católicas encontra-se desenvolvido no sexto capítulo de minha tese (DALMOLIN, 2012).

desvendar as propriedades internas ao processo discursivo, as relações entre sujeitos e sentidos (ORLANDI, 2001).

Preferimos nos ater à definição de Charaudeau (2006, p. 46-47), que preconiza a representação enquanto “relação percepção-construção que o ser humano mantém com o real”, e como o autor trabalharmos o conceito enquanto chave para compreender questões relativas à circulação da informação em sociedade. Desse modo, adotamos o ponto de vista de que as representações produzem sentido. O trecho a seguir resume bem essa posição epistemológica.

As representações, ao construírem uma organização do real através de imagens mentais transpostas em discurso ou em outras manifestações comportamentais dos indivíduos que vivem em sociedade, estão incluídas no real, ou mesmo dadas como se fossem o próprio real. Elas se baseiam na observação empírica das trocas sociais e fabricam um discurso de justificativa dessas trocas, produzindo-se um sistema de valores que se erige em norma de referência. Assim é elaborada uma certa categorização social do real, a qual revela não só a relação de “desejabilidade que o grupo entretém com sua experiência do cotidiano, como também o tipo de comentário de inteligibilidade do real que o caracteriza – uma espécie de metadiscurso revelador de seu posicionamento. Em resumo, as representações apontam para um desejo social, produzem normas e revelam sistemas de valores (CHARAUDEAU, 2006, p. 47).

A noção de discurso, portanto, resguarda uma visada teórico-metodológica capaz de tentar abarcar uma gama de relações contextuais, entre mídia, instituições e sociedade, das quais sobressai o tensionamento entre valores laicos e religiosos, bem como o processo de secularização e dessecularização.

Nossa proposta de abarcar a questão passa por um ponto específico, que relaciona modernidade¹⁰ e religiosidade, compreendendo o campo midiático como instância particular dessa articulação. Nesse contexto, as reflexões de alguns autores que trabalham essas dimensões nos trazem contribuições importantes para pensarmos a questão face ao nosso problema de pesquisa¹¹. Os processos de secularização e dessecularização, bem como os movimentos de rejeição e articulação da Igreja para com o mundo moderno, são contributos que advém das reflexões de Peter Berger (1975, 1985, 2010). Já o conceito de *ethos* da modernidade (DUARTE, 2005) nos oferece uma possibilidade de considerar as

¹⁰ Reconhecemos que a perspectiva de trabalhar a modernidade envolve um emaranhado teórico-conceitual que escapa às pretensões que desenvolvemos na elaboração da tese. Muitas são as linhas interpretativas desse conceito. Dentre as perspectivas, citamos as contribuições de Giddens (1991, 1997), Ortiz (1991), Bauman (2004, 2008) e Simmel (MOCELLIM, 2007).

¹¹ Estas perspectivas teóricas encontram-se tensionadas no capítulo 3 da tese, que traz ainda o contexto específico do catolicismo e sua estruturação no mundo moderno.

injunções entre o *ethos* privado religioso e a cosmologia moderna. A perspectiva do autor mostra-se fundamental para se pensar a abordagem do aborto muito além de uma mera expressão de um “ranço doutrinário” católico, mas como um tema que representa, de forma particularmente interessante, uma porta de entrada para se pensar os modos próprios de articulação entre mídia e sociedade, catolicismo e modernidade, *ethos* moderno e *ethos* religioso. Nos concentramos no ponto em comum destes pressupostos, fundamentados na sociologia da religião (Berger) e na antropologia (Duarte), que refere-se à percepção do moderno e do tradicional como dimensões complementares e não excludentes, na qual uma não substitui a outra, considerando o campo midiático (RODRIGUES, 2000) como a instância que permite o entrecruzamento e o convívio entre essas duas instâncias.

O aborto, na construção aqui proposta do objeto de pesquisa, parece caracterizar-se como um recorte que propõe “problemas” (BOURDIEU, 2003a, p. 28), da forma como ele nos sugere uma desconstrução da intenção de estudar o discurso das revistas católicas, recolocando-o sob uma perspectiva relacional. Ele suscita um reencaixe numa problemática que é propriamente midiática, mas que está também estritamente relacionada a questões próprias do campo religioso e à problemática da articulação deste na conjuntura da modernidade.

4. Do objeto ao campo: a transversalidade dos estudos de mídia e religião na abordagem da imprensa católica

A tese, portanto, buscou envolver diversas questões de interface, ao trabalhar com o estudo da Igreja como instituição e sua inserção na sociedade em vias de midiatização através do conceito de campo. Essas temáticas vêm sendo exaustivamente trabalhadas pela tradição das ciências sociais e humanas, tornando impossível levantar em uma mera tese os principais esforços no sentido de compreendê-las. Dessa forma, torna-se imperativo voltarmos-nos à construção do objeto, tentando recortar qual especificidade, qual visada dos estudos de Igreja e mídia permitem compreender melhor a inserção das revistas na sociedade na problemática a ser observada.

Aqui reportamos às considerações de Luís Mauro Martino (2012), que situa as investigações sobre a interface mídia e religião em uma região fronteira entre as teorias da comunicação e a sociologia da religião. Seu caráter eminentemente interdisciplinar

necessita ser enfatizado “para ressaltar que a midiatização da religião acontece em um contexto de mediações histórico-sociais, onde forças políticas e econômicas estão igualmente ativas e poderiam ser estudadas” (L. M. MARTINO, 2012, p. 220).

Neste sentido, caberia recolocarmos nosso estudo num horizonte maior, o do entrecruzamento entre mídia e religião. Não cabe aqui tecermos considerações sobre a configuração deste espaço de interface, que já configura um campo de estudos razoavelmente consolidado em nível internacional mas ainda carece de maior atenção por parte dos pesquisadores brasileiros, muito embora venha crescendo consideravelmente nos últimos anos (L. M. MARTINO, 2012).

Luis Mauro Martino (2012) aponta três tendências principais nos estudos de mídia e religião: 1) identificação de elementos e temáticas religiosas na mídia laica; 2) uso da mídia por instituições religiosas e 3) relações entre midiatização e processo de secularização. Podemos perceber na experiência de pesquisa aqui delineada pontos de tensionamento entre as duas últimas tendências, uma vez que o esforço investigativo direcionado a um objeto empírico que consiste em um veículo midiático a duas congregações religiosas não excluiu a observação dos movimentos de secularização/desseccularização pelo viés dos valores religiosos reconfigurados pelo processo de midiatização. Muito embora não estejamos desenvolvendo aqui a perspectiva estrita da midiatização do fenômeno religioso, como bem descreve Stig Hjavard (2006), ao conceituá-la em torno da subsunção da religião pelas lógicas da mídia, nossa pesquisa levantou questões interessantes no que tange à regulação do conteúdo simbólico e de suas práticas institucionais. O que tentamos observar na tese foi um processo temporalmente anterior ao contexto atual da religião midiatizada, mas que serve para evidenciar a consolidação de um cenário de afetações mútuas entre mídia e modernidade, recolocando questões históricas à luz de preocupações do presente.

Considerações finais

Ao focalizarmos as questões referentes às relações entre o universo religioso e o *ethos* da modernidade no discurso das revistas católicas sobre o aborto, concluímos que estas estabelecem um processo específico de mediação entre o campo religioso e o universo secular, que se articula na perspectiva da imprensa católica pós-conciliar. O discurso religioso sobre aborto, aparentemente incompatível ao horizonte da modernidade, aparece

devidamente “acomodado”, através de estratégias de rejeição e adaptação. Nossas percepções estabelecidas nesse horizonte contrariam a tese do senso comum que vê somente o argumento religioso na defesa irrestrita do aborto. Ao contrário, a análise mostrou a coexistência discursiva de aspectos relacionados não só ao universo religioso, mas também de um reporte intensivo aos valores alinhados à “conjuntura da modernidade”. O discurso destes veículos revelou-se a partir de intensos movimentos de balanços, ajustes, acordos e adaptações, nos quais traduzem-se, portanto, sua especificidade, que pode ser descrita na forma de um “aggiornamento condicionado”.

O campo midiático aparece como a instância que expressa essas negociações, que por sua vez articula-se ao campo religioso nas páginas das revistas católicas. Encontra-se ancorado no modo próprio do campo midiático operacionalizar sua simbólica, que efetiva-se através de uma conjuntura essencialmente relacional, contrastar perspectivas que à primeira vista parecem incompatíveis, como o moderno e o tradicional. Estas são readequadas no discurso à medida que o *ethos* da modernidade alicerça-se a partir da alternância destas duas instâncias, e atualizam-se discursivamente pelo constante movimento entre história e memória.

Esse cenário de afetações entre mídia e modernidade proporciona o chamado processo de midiatização. Contudo, ressalta-se a necessidade de termos claros esses entrecruzamentos que envolvem outras variáveis, a fim de não reduzirmos o processo de midiatização da religião a um mero reflexo da interpenetração da técnica em todas as instâncias da vida contemporânea, dentre elas, a religião. Um caminho que ainda está por ser traçado e que, novos e antigos objetos empíricos suscitem ser conhecidos e enfocados por tantos e outros objetos de conhecimento.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BENETTI, Márcia. *Análise de Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos*. In.: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (org.) *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, Peter L. *Um rumor de anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

_____. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 21, p. 9-24, 2000. Disponível em http://www.iser.org.br/religioesociedade/pdf/berger21.1_2000.pdf Acesso em: 11 mai. 2011.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003 (a).

_____. *O poder simbólico*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003 (b).

_____. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008 (a).

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008 (b).

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009 (a).

_____. ; CHAMBOREDON, Jean-Claude, PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo. Metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DALMOLIN, Aline R. *A Rainha de Lauro Trevisan: modernização e religiosidade*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/Unisinos, 2007.

_____. Revista católica: entre o campo Religioso e o Midiático. *Anais do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom Sul*. Novo Hamburgo: Feevale, 2010.

_____. *O discurso sobre aborto em revistas católicas brasileiras: Rainha e Família Cristã (1980-1990)*. Tese de doutorado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação/Unisinos, 2012.

_____. Um crime aos olhos do homem, um pecado aos olhos de Deus: as designações do aborto em revistas católicas. *Animus*, V. 12, N. 14, p. 279-301, 2013.

DUARTE, Luiz Fernando D. Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In.: HEILBORN, Maria Luiza [et alii] (orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRANÇA, Vera. O objeto da comunicação/ A comunicação como objeto. In.: HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz C. (orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOMES, Pedro G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 73-4.

HJAVARD, Stig. The Mediatization of Religion: A Theory of the Media as an Agent of Religious Change. 5th International Conference on Media, Religion and Culture: Mediating Religion in the Context of Multicultural Tension, The Sigtuna Foundation, Stockholm/Sigtuna/Uppsala, Sweden, 6-9 July, 2006. Disponível em: <http://www.oikosnet-europe.eu/oldintranet/Archives/Meetings/Annual_Conferences/Sigtuna_2006/Download/The%20mediatization%20of%20religion.pdf>. Acesso em: 20 jul 2014.

LOPES, Maria Immacolata V. *Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo*. In.: Anais do XVI Compós. Curitiba: Tuiuti/Compós, 2007.

MARTINO, Luiz C. Interdisciplinaridade e objeto de estudo da comunicação. In.: HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz C. (orgs.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação*. In.: Anais do XIV Compós. Niterói: UFF/Compós, 2005.

MARTINO, Luís Mauro S. *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. Mediação e midiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. In.: JANOTTI, Jeder; MATTOS, Maria A.; JACKS, Nilda. *Mediação & Midiatização*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1992

ORLANDI, Eni. O próprio da análise de discurso. *Revista Escritos*, n. 3, Campinas: Unicamp/Labeurb, 1998.

_____. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001, p. 86.

PECHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1995, p. 160.

RODRIGUES, Adriano D. Experiência, modernidade e campo dos media. In.: SANTANA, R.M. (org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000, p. 169-213.

SODRÉ, Muniz. *Ciência e método na comunicação*. In.: LOPES, Maria Immacolata V. de (org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 305-311.